

A TRAJETÓRIA DE PROFESSORES MADUROS EM IES PRIVADA: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DAS TEORIAS DO CICLO DOCENTE

1. INTRODUÇÃO

A população mundial está envelhecendo devido ao aumento da expectativa de vida e à queda dos níveis de fertilidade, segundo o relatório *The World Population Prospects* (2019), da Organização das Nações Unidas (ONU). O documento relata que até 2050, uma em cada seis pessoas no mundo terá mais de 65 anos (16%). As regiões onde a parcela da população com 65 anos ou mais é projetada para o dobro entre 2019 e 2050 incluem a África do Norte e a Ásia Ocidental, Ásia Central e do Sul, Ásia Oriental e do Sudeste, e América Latina e Caribe.

No Brasil a população idosa tende a crescer nas próximas décadas, como aponta a *Projeção da População*, do IBGE, atualizada em 2018. Segundo a pesquisa, em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%.

A longevidade além de permitir ao idoso uma nova relação com a vida, propicia mudanças no processo de envelhecimento, tais como, participação na força de trabalho, o incremento das relações intergeracionais, troca de papéis na família, movimentação econômica, tecnologia, e a busca por uma melhor qualidade de vida (CHENA, et al. 2015; GUSEH, 2016 apud FREITAS; GIL, 2020).

Envelhecer, seja na vida ou na carreira profissional, há muito tempo deixou de ser sinônimo de doença, declínio. Há um envelhecimento que ocorre na profissão e provoca muitas transformações no indivíduo. Essa questão poderá ser vista e estudada de muitos ângulos ao considerar sua complexidade. Neste trabalho, destaca-se o envelhecimento profissional do docente no ensino superior.

De acordo com o Censo Educação Superior (INEP, 2019) ao todo são 397 mil professores atuando no ensino superior, sendo 54% na rede privada. Em ambas as redes, privada e pública a idade média dos professores é de 38 anos. O corpo docente das universidades brasileiras está envelhecendo. Segundo o Ranking Universitário da Folha (RUF, 2019), entre 2010 e 2017, o número de professores com 50 anos ou mais atuando na graduação e na pós-graduação cresceu de 33,7% para 37,9%.

Essa tendência pode ser explicada, em primeiro lugar, pelo envelhecimento da população brasileira em geral: vivendo mais, professores ficam na ativa por mais tempo. Além disso, um docente aposentado não costuma ser substituído por outro em início de carreira. Os

processos seletivos não impõem limites de idade, mas fazem exigências quanto à formação acadêmica do candidato. Esse envelhecimento, não é desfavorável. Um corpo docente com um terço dos professores com idade acima de 50 é natural e desejável. Profissionais experientes são essenciais para estruturar e conduzir graduações e pesquisas. (Cresce número de professores do ensino superior com mais de 50 anos. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 de out. 2019. Disponível em: <<https://rnf.folha.uol.com.br/2019/noticias/cresce-numero-de-professores-de-ensino-superior-com-mais-de-50-anos.shtml>> Acesso em: 14 de jun.2021.)

Nesse campo, um clássico da literatura que se destaca são os estudos de Hubberman (1989), ao identificar as fases da vida profissional do professor. O referido estudo foi realizado com 160 professores na Suíça de ensino secundário e evidenciou as principais fases pelas quais os docentes passam ao longo de sua carreira profissional, mostrando-se útil para a compreensão das percepções que os professores têm ao longo de sua vida. Muito embora tenha se dedicado, com maior intensidade, ao ensino nos níveis fundamental e médio, seus achados podem fornecer importantes subsídios para o estudo da docência no Ensino Superior.

Também serviram de base para reflexão os estudos internacionais abrangentes sobre a carreira de professores por Sikes et al. (1985), Fessler & Christensen (1992) e Day et al. (2006). Na literatura nacional, apontamos o trabalho de Isaia (2008) que apresenta uma forma de composição do ciclo de vida profissional dos professores aqui no Brasil, a partir do olhar dos professores de licenciatura. Brito (2011) buscou compreender como o ciclo de vida profissional se organiza sob a perspectiva de professores do curso de Biologia. Sá & Almeida (2015), apontam os resultados de sua pesquisa congruentes em muitos aspectos com os da pesquisa realizada por Huberman et al. (1989), que sugere a vivência de cinco fases comuns nas trajetórias profissionais dos professores engenheiros. Ambos os estudos nacionais foram conduzidos em IES públicas.

Os professores universitários, eram, e ainda o são, pessoas pouco conhecidas em seu desenvolvimento na profissão, pois o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em publicação denominada Estudo exploratório sobre o professor brasileiro, sugere e ressalta “a necessidade de realização de estudos que enfoquem a trajetória dos professores, a carreira docente e demais aspectos relacionados a esses temas” (INEP, 2009, p. 38).

A rede privada conta com mais de 6,5 milhões de alunos, o que garante uma participação de 75,8% do sistema de educação superior, ou seja, de cada quatro estudantes de graduação, três frequentam uma instituição privada. (INEP, 2019). Consideramos o profissional maduro a

partir de 45 anos de idade. De acordo com o IPEA (2010), em 2040 cerca de 57% da população brasileira em idade ativa será composta por pessoas com mais de 45 anos.

Em vista disso, definimos o seguinte objetivo: compreender a trajetória do professor maduro de IES privada a partir das teorias do ciclo docente pioneiras nacionais e internacionais, analisando suas complementariedades e diferenciações.

Espera-se com este projeto de pesquisa, contribuições para o campo de estudo do envelhecimento na docência, bem como o ciclo de vida profissional dos professores de ensino superior. Os resultados devem contribuir, na medida que em termos de gestão, conhecer melhor esse grupo etário é uma forma de prever dificuldades e se preparar com possíveis soluções. É um caminho para enfrentar os desafios da longevidade, além das práticas direcionadas aos professores maduros permitirem não somente que eles executem suas tarefas de maneira apropriada, mas também prolonguem a vida ativa.

Essa reflexão em torno da docência universitária, por extensão torna-se relevante, uma vez que são esses profissionais os responsáveis por preparar e formar novos profissionais para o mercado. Isto posto, o estudo sobre o ciclo de vida docente vem convergir com caminhos já iniciados por outros pesquisadores, nos convidando a continuar nessa jornada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Envelhecimento na Docência

O envelhecimento profissional docente ocorre ao longo da carreira e é constituído por momentos que impulsionam ou definem as mudanças que darão sentido à trajetória profissional. Os professores, enquanto profissionais, passam por crises e acontecimentos marcantes, mas cada um individualmente tem trajetórias diferentes, influenciadas por fatores pessoais e pelos de caráter sociológico e histórico (FERREIRA, 2008 apud SOUZA, 2016).

Apesar das mudanças e limitações percebidas pelo indivíduo e /ou pela sociedade no processo do envelhecimento, o professor busca estratégias para lidar com seus efeitos. As estratégias utilizadas pelo professor para amenizar as perdas e facilitar sua adaptação à nova fase, incluem a luta pela preservação da sua própria identidade, que é um problema psicológico vivido no envelhecimento (Viegas & Gomes, 2007 apud ALVES 2016).

De acordo com Tardif (2002, apud Alves, 2016), a docência possui características específicas como a interação, o ensino voltado a seres humanos e a afetividade. Características essas que marcam o professor e sua personalidade de tal forma que ainda no envelhecimento perduram, portanto, o trabalho e a vida do professor estão intimamente relacionados.

Segundo Neri (2013), as teorias psicológicas do envelhecimento mais importantes que se desenvolveram nesse período se basearam em três paradigmas: ciclos de vida, curso de vida e desenvolvimento ao longo de toda a vida. No próximo tópico será discutido algumas teorias que compreendem tais paradigmas, que se alinham ao objetivo de pesquisa e as teorias sobre ciclo de vida profissional docente.

2.1.1 Teorias do Envelhecimento

Os conceitos e as teorias mais influentes na atualidade foram construídos nos últimos 60 anos, período em que também se observaram profundas mudanças na temporalização da vida humana e da velhice, resultado do envelhecimento populacional que se expandiu para praticamente todo o mundo (MALLOY-DINIZ et al., 2013).

De acordo com Neri (2013), as teorias foram agrupadas em três categorias: teorias clássicas, de transição e contemporâneas. As teorias clássicas se referem aos estágios de vida adulta e velhice, um modelo de crescimento, culminância e contração, o que se enquadra no paradigma de ciclo de vida.

As teorias de transição focam as teorias do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida e a teoria social interacionista da personalidade na velhice. Tais teorias desconsideram o papel das influências genéticas biológicas sobre o envelhecimento. Entre as contemporâneas, que estão associadas ao paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida (Baltes, 1987; Baltes, 1997, apud Neri, 2013), são hoje a tendência dominante na psicologia do envelhecimento em âmbito internacional.

Dentre as teorias clássicas, destacamos o desenvolvimento ao longo da vida, de Bühler (1935, apud Neri, 2013). Os resultados apontaram para a existência de uma progressão ordenada de mudanças em atitudes, metas e realizações ao longo do desenvolvimento, porém, que o desenvolvimento não é um processo linear, mas apresenta uma dinâmica que envolve ganhos e perdas concorrentes.

A teoria social-interacionista da personalidade na velhice, segundo Neugarten (1969) e Neugarten et al., (1965) integra as teorias de transição (apud Neri, 2013), com o paradigma do curso de vida que é construído pelas crenças sociais. O paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida, segundo Baltes (1987; 1997 apud Neri, 2013) que pertence as teorias contemporâneas, integra a noção da existência de mudanças evolutivas de base ontogenética do paradigma de ciclos de vida com as ideias dos paradigmas de curso de vida.

2.1.2 Estudos Empíricos – Envelhecimento Docência Superior

Com o propósito de respaldar as argumentações do presente estudo, realizamos um levantamento na literatura nacional e internacional a respeito do envelhecimento docente, por meio de pesquisas disponibilizadas na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), no Banco de Teses e dissertações da CAPES, ProQuest Dissertation & Thesis Full Text, e Scholar.Google, Ebsco e Journal Higher Education. Para selecionar as produções, foram utilizadas palavras-chave que tivessem relação com o objetivo de pesquisa: ciclo de vida profissional docente; docente ensino superior; envelhecimento e docência.

Deste modo, foram consultadas cinquenta produções dentre artigos, dissertações e teses, em âmbito nacional e internacional desenvolvidas no contexto do envelhecimento e ciclo profissional docente na educação superior. Selecionamos dez estudos que estão discriminados no quadro abaixo e na sequência apontamos as principais contribuições.

Vale destacar que identificamos pesquisadores internacionais de referência na temática ciclo docente, os quais formaram as bases teóricas para muitos estudos nesta área que serão abordados em capítulo posterior, a saber: Huberman (1989), Sikes (1985), Fessler (1992) e Day et al (2009).

Os estudos de Alves (2016) apontam que a maturidade associada ao envelhecimento é percebida como uma “mais-valia” para a qualidade de vida, assim como a capacidade de interagir e saber conviver com a diversidade das pessoas e o enriquecimento pessoal, além do profissional. Continuar a ser docente, é estar em “ação”, no sentido de intervir e contribuir para a formação dos jovens, para a sociedade e para o conhecimento. Com efeito, o processo de envelhecimento destas professoras tem especificidades decorrentes da natureza da sua atividade profissional. Para elas, o entusiasmo com a atividade docente diminui-lhes a atenção ao relógio cronológico.

Orientado pelo paradigma fenomenológico-interpretativo com análise de narrativas biográficas, os professores/as participantes revelaram que há uma profunda relação entre a vida pessoal e a vida profissional (aspecto central da sua profissionalidade) e que esses/as professores/as têm pleno conhecimento da sua trajetória e das etapas do seu ciclo de vida profissional, que percebem como marcado pela mudança. Os/as professores/as participantes percebem a relação entre o envelhecimento e a docência, mas reconhecem a docência como ‘antídoto do envelhecimento. Os professores do ensino superior demonstram menor receio do envelhecimento na atividade, assim como da transição para a reforma.

Em concordância com Freitas; Gil (2020), nota-se que o trabalho docente na velhice é ligado ao prazer e a possibilidade de contribuir na formação dos alunos e de uma sociedade melhor. Os professores evocaram tanto os pontos negativos de envelhecer na profissão, quanto os positivos. Destacam-se os conteúdos relacionados as limitações físicas, porém sendo compensados pelo prazer que a profissão docente oferece e pela valorização do conhecimento que os professores carregam em suas trajetórias profissionais.

Os resultados da pesquisa de Souza (2016), evidenciam que os sujeitos com mais tempo de serviço compreendem a aposentadoria como um prêmio. Outros, mais jovens na profissão, percebem como um acontecimento ainda distante, por que começaram a trabalhar tarde em relação ao relógio ocupacional ou por que não contribuíram durante todo o tempo de trabalho para a previdência social. As trajetórias evidenciam a relevância que os trabalhadores atribuem aos ganhos e às perdas associados à aposentadoria, expressos, principalmente, pela preocupação com uma possível perda do poder aquisitivo. Assim como Sá; Almeida (2015), ambas pesquisas utilizaram entrevistas que geraram relatos que foram organizados em biogramas cujos conteúdos foram sobrepostos de modo a conhecer os acontecimentos comuns e os singulares na vida profissional de cada indivíduo.

Os estudos de Sá e Almeida (2015), Brito (2011) e Isaia (2008) apontam como resultado o ciclo docente em fases ou marcos que caracterizam a trajetória docente desde o período que antecede a docência até os anos finais, os quais as autoras discriminam ou como fase de revisão de vida, expectativa pela aposentadoria, independência com a profissão e professoralidade docente.

As pesquisas internacionais focaram os estudos em como professores universitários veem suas carreiras, quais fatores afetam suas percepções de suas carreiras e seus trabalhos. Além disso, testar as teorias de trajetória de vida comparando fatores de longevidade individuais com decisões individuais de aposentadoria, produzindo assim resultados que podem ser úteis para administradores de faculdades.

Esses estudos utilizaram a abordagem quantitativa, diferente do estudo de Read (2016), que trabalhou com história oral. O objetivo desta pesquisa foi descrever e explicar as perspectivas de um professor emérito sobre suas experiências de vida na disciplina e em uma carreira dedicada à pesquisa, serviço e ensino. Outro propósito, entrelaçado dentro da perspectiva deste indivíduo, foi para explorar a influência potencial que um professor emérito pode ter em sua instituição, e o impacto que a instituição pode ter na carreira do professor.

2.2 O CONCEITO DE CICLO DE VIDA PROFISSIONAL

O ciclo da vida humana, enquanto objeto de estudo científico, tem uma história relativamente recente. Existem duas vertentes na literatura, uma de natureza mais psicológica, começando com os escritos de Freud, passando pelas investigações de Henry Murray e Gordon Allport, culminando na conceptualização normativa de Erikson (1950), “as oito crises da vida” e na obra de Robert White, “Estudos de Vidas (1952). A outra de natureza mais sociológica, com os escritos da “Escola de Chicago” que restaurou a metodologia da história oral, elaborando uma epistemologia importante (o interacionismo simbólico) que permite interpretar os dados biográficos sem excessiva padronização. (NÓVOA, A. et al., 1989.)

O estudo realizado por Huberman (1989), na Suíça, tornou-se referência para estudiosos que procuram explorar diferentes aspectos sobre o tema ciclo de vida profissional dos professores. Combinando a contribuição das abordagens psicológicas e psicossociológicas, ele se propôs a verificar se os estudos clássicos do ciclo individual se confirmavam ao estudar uma população específica de adultos, os professores do ensino secundário.

O Ciclo de Vida dos Professores apresenta características presentes em cada fase do desenvolvimento profissional docente e possibilita a compreensão o quanto a carreira docente é marcada por características próprias, que a difere em cada etapa. Para Huberman, a carreira é um processo contínuo e não uma série sucessiva de acontecimentos e é marcada pela não uniformidade dos sentimentos vivenciados pelos professores nas etapas, pois suas definições apresentam um entendimento mais generalizante sobre elas.

O autor fez a escolha por compreender o ciclo de vida dos professores pelo viés da carreira, pois para ele o conceito de carreira apresenta vantagens diversas; pois permite comparar pessoas no exercício de diferentes profissões; é mais focalizado, mais restrito que o estudo da "vida" de uma série de indivíduos. Por outro lado, e isso é importante, comporta uma abordagem a um tempo psicológica e sociológica. Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela (Huberman, 1989, p.38).

3. DISCUSSÃO: COMPLEMENTARIEDADES E DIFERENCIAÇÕES DOS MODELOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Neste tópico apresentamos uma visão comparativa de quatro autores internacionais, os pontos de intersecção, bem como as diferenciações, considerando as três grandes perspectivas

do ciclo de vida do professor: ingressando na docência e os primeiros anos; estabelecido na profissão, ou seja, o meio de carreira; e os anos finais. (ROLLS; PLAUBORG, 2009).

Esta análise será complementada com os pressupostos de três autores nacionais, Isaia (2001); Brito (2011); Sá; Almeida (2015).

No Brasil, Isaia (2008) tem se dedicado a temática voltada para o professor do ensino superior e seu processo de desenvolvimento na profissão, nas últimas décadas se tornando uma referência para tais estudos aqui no país. O campo da pesquisa escolhido por Isaia, (2008) foi uma Universidade Federal, congregando os professores dos Cursos de Licenciatura e de Bacharelado. Os estudos na área foram se ampliando e autores como Brito (2011) e Sá (2015) trouxeram contribuições para a literatura referente ao ciclo de vida docente dos professores de ensino superior. Brito (2011) escolheu a Universidade Federal de Uberlândia para seu campo juntamente aos professores do curso de Biologia. Assim como Brito (2011), Sá; Almeida (2015) trabalharam seus campos de pesquisas em IES públicas tendo como foco de estudo os professores do curso de engenharia.

Os trabalhos de Isaia (2008) serviram de base para Brito (2011) desenvolver o estudo do ciclo de vida docente, sendo o desenvolvimento da pessoa adulta o ponto de partida. Formaram a base das reflexões, também Ericksson (1985,1981), Levinson (1982,1986), Riegel (1979), Ortega e Gasset (1955). Além dos estudos do ciclo de vida profissional dos autores: Nóvoa (1992), Michel Huberman (1995), Cavaco (1993) que também serviram de apoio para fazer as reflexões do ciclo docente.

Ao nos dirigirmos para as bases dos estudos de Sá; Almeida (2015), o pano de fundo se configura especialmente em Hubberman (1989), que foca em suas pesquisas sobre o ciclo vital (ou envelhecimento) de professores, que buscava verificar se os docentes passavam por fases comuns em suas vidas profissionais. Buscando conhecer a entrada ou o nascimento, o desenvolvimento ou o crescimento, a morte ou a saída da profissão. Nessa composição de referenciais, destaca-se também autores da área de Engenharia com foco na formação de professores nesse campo, sendo LODER (2009); LOMBARDI (2006).

A autora Sá; Almeida (2015) traz um paradigma adicional às bases teóricas que diferem de Brito (2011) e Isaia (2008) que são as reflexões de Neri, A. L. (2013), referência no Brasil sobre a psicologia do envelhecimento. Essa conjunção das teorias do envelhecimento e ciclo profissional nos parece relevante para esse estudo, já que estudar o ciclo profissional docente é se projetar no futuro, é o envelhecer na profissão.

3.1 Ingressando na docência e os primeiros anos

Os estudos de Hubberman (1989) Sikes (1985) Fessler (1992) e Day (2007) apresentam algumas diferenças vitais, dado que os estágios definidos na trajetória docente são demarcados pela cronologia de idade e tempo de serviço de acordo com Sikes e Day respectivamente. Já para Hubberman e Fessler, a tendência é considerar mudanças significativas nas necessidades, atitudes dos professores e situações como constituindo uma transição entre fases, sendo esses atributos os que formam a base para as várias etapas que eles identificam, em oposição ao limite fixo nos modelos desenvolvidos por Sikes e Day. Fessler enfatiza a possibilidade de que os professores podem voltar a entrar na mesma fase em vários pontos em sua carreira, que, naturalmente, não é possível com fases determinadas pela idade, como usado por Sikes ou fases baseadas no tempo de serviço discutido por Day et al. (ROLLS; PLAUBORG, 2009)

Esse pressuposto é o que permeia também os estudos de Isaia (2008), Brito (2011), Sá e Almeida (2015), sem determinação por idade ou tempo de serviço.

Huberman (1989) Sikes (1985) Fessler (1992) e Day (2007) descrevem uma fase relativa aos primeiros passos do professor ao ingressar na profissão. Huberman refere-se a essa fase como entrada na carreira, que é caracterizado como um período de sobrevivência e descoberta e, portanto, pode ser considerado como representando as emoções muitas vezes contraditórias e experiências por professores novatos. Por um lado, o professor se depara com o desafio de enfrentar uma realidade que geralmente não está totalmente preparado. Em comum com Huberman, Sikes descreve que entrar na profissão para a maioria dos professores é um choque de realidade, onde eles lutam para enfrentar problemas disciplinares, e ao mesmo tempo, lidar com os desafios de adquirir conhecimento de um assunto para levar aos alunos.

Day descobriu que a grande maioria dos professores tinha um alto nível de comprometimento à profissão durante seus primeiros 3 anos de ensino. Day divide este corte de professores em dois subgrupos, um com um senso de eficácia em desenvolvimento e outro com um sentido de eficácia em declínio (Day et al., 2006: 89). O comum para ambos os grupos são as dificuldades em aprender a lidar com o comportamento dos alunos. O que se mostrou decisivo em determinar se os professores recém-chegados seguiriam com senso de eficácia foi a quantidade de apoio que eles receberam da Instituição ou líderes. (Day et al., 2006: 91).

Fessler descreve uma fase de indução durante a qual os professores, tendo começado seu primeiro trabalho, passam alguns anos sendo socializados no sistema e se ajustando entre a teoria adquirida durante seu pré-serviço e as realidades da prática em sala de aula que eles agora enfrentam. Vale destacar que as pesquisas empíricas no exterior nesse campo se concentraram

em profissionais que se prepararam, se formaram na graduação para o exercício da docência, por isso Fessler destaca essa primeira fase de “pré serviço”.

Assim como Fessler (1992) os pesquisadores nacionais Isaia (2008) Brito (2011) e Sá (2015) também definem uma fase anterior a entrada de fato na docência. Os estudos empíricos desses autores nacionais diferem dos internacionais, pois estudaram professores da educação superior. No entanto tal divergência não exclui a possibilidade de convergirmos em vários aspectos.

Enquanto Fessler define essa fase como o período de formação, Isaia coloca que é o momento das experiências práticas iniciais na docência. Destacamos Brito e Sá que identificam essas fases iniciais fases não ligadas diretamente à docência e sim com experiências pessoais e profissionais que marcaram a transição e promoveram aberturas para o engajamento junto à docência universitária.

No entanto, todos concordam que os professores durante seus primeiros anos na profissão são especialmente vulneráveis. Incidentes e experiências durante esta fase podem ser decisivos na determinação de suas trajetórias de carreira – ou, de fato, se eles permanecem ou não dentro do ensino. Destacamos Isaia (2008) nesse aspecto, por diferenciar de certo modo ao sublinhar que a entrada no segundo movimento ocorre de forma circunstancial para grande parte dos professores, não representando uma escolha efetivamente buscada para o início da vida profissional, mas, principalmente, pela oportunidade de trabalho que representa. A autora ressalta que um fator preponderante nesta escolha se encontra em uma inclinação afetiva que se denomina sentimentos docentes.

3.2 Estabelecido na profissão: meio de carreira

Huberman chama essa próxima fase de estabilização. É durante este período que o professor se compromete a uma carreira no ensino. Também se refere ao domínio pedagógico na medida em que o professor atinge um grau maior de conforto dentro da sala de aula e confiança em suas habilidades. De acordo com Day, professores que passaram entre 4 e 7 anos dentro da profissão estão preocupados em ganhar confiança dentro da sala de aula e estabelecer uma identidade como um professor bom e eficaz (Day et al., 2006: 93).

Em contraste com Huberman, Day identifica esta fase como aquela que para muitos professores não é caracterizado pela estabilização, mas sim por experimentação e diversificação – uma fase que Huberman identifica em um momento posterior. Colabora com Day os achados de Brito que sugerem nesta etapa um momento de abertura e reconhecimento de si mesmo com

a criação de novas possibilidades no trabalho, o envolvimento com a Universidade, participação em grupos de pesquisa, comitê.

Para Sikes, a fase de transição (28 a 33 anos de idade) é caracterizada por professores sentindo que eles ou têm que se comprometer totalmente com o ensino ou buscar a mudança de carreira. Como tal, Huberman também sublinha esse período o qual a pessoa faz um balanço de sua vida profissional, podendo encarar a hipótese de seguir outras carreiras. Este período compreende aspectos psicológicos e sociais – características da Instituição, o contexto político, econômico, vida familiar, são igualmente determinantes. Em consonância com tais aspectos, Sá também sugere um período de intensa dedicação e ao mesmo tempo, ou posteriormente, de revisão do caminho trilhado.

Durante a terceira etapa de construção de competências de Fessler, o professor busca aprimorar suas habilidades, tentando desenvolver novos métodos e estratégias de ensino. Fessler caracteriza o professor na fase de construção de competências como altamente motivado e receptivo a novas ideias (Fessler & Christensen, 1992: 41 apud Rolls; Plauborg, 2009). Semelhante ao de Sikes, bem como Isaia que ressalta a marca de uma nova perspectiva docente, Isaia caracteriza essa fase voltada para a pesquisa, à orientação de alunos. Em contraste aos demais autores internacionais, especialmente pelo seu campo de pesquisa ser a educação superior, ela destaca a entrada na Pós-graduação “stricto sensu”, representando sem dúvida, um novo movimento transformativo na construção da carreira docente.

De acordo com Day, uma fase crítica na vida profissional de um professor está situada entre 8 e 15 anos de antiguidade (Day et al., 2006: 101). Ele se refere a este período como uma encruzilhada onde os professores decidem sobre a direção de suas carreiras restantes: Eles devem dedicar-se ao ensino em sala de aula? Ou eles devem priorizar crescer na carreira? No entanto, nem todos os professores nesta fase têm uma visão tão positiva de suas futuras vidas profissionais. Para os professores neste subgrupo mais pessimista, é sim uma questão de permanecer ou não dentro da profissão devido ao declínio dos níveis de motivação e uma desilusão crescente com o ensino.

No relato de Fessler, os professores no estágio entusiasmado e crescente estão agora experientes e com bons resultados em seus trabalhos, mas, no entanto, continuam a se esforçar para melhorar. Esta etapa depende de altos níveis de motivação e entusiasmo e um ambiente de trabalho fornecendo encorajamento e oportunidades. Aqui vemos um exemplo da importância que Fessler atribui aos fatores externos ambientais na determinação das escolhas desse

professor através do ciclo de carreira. Ele opera com duas categorias amplas: fatores ambientais pessoais e organizacionais.

Como exemplo, no âmbito organizacional, possibilidades de demissão, o aumento da carga do trabalho administrativo e dos mecanismos burocráticos de controle, ou a expressão de opiniões altamente críticas das escolas e professores dentro e fora do contexto acadêmico são fatores que podem levar a um grau de desilusão ou em casos extremos até mesmo saída de carreira. Por outro lado, investimentos em instalações e desenvolvimento profissional, pode aumentar o entusiasmo renovado e o engajamento dos professores.

Entre os exemplos de fatores de ambiente pessoal que Fessler identifica está a família. O nível de apoio fornecido é provável que se reflita em motivação profissional e comprometimento do professor. Além disso, o nascimento de uma criança, um divórcio ou a perda de um familiar são apenas exemplos de assuntos familiares cujo impacto poderá ir para o espectro profissional.

A disposição individual também é um importante fator de ambiente pessoal. Os objetivos, experiências e valores de um professor individual terá um grande significado em relação ao seu ciclo de carreira.

A terceira fase de Sikes (30-40 anos) é um período em que energia, compromisso, ambições e autoconfiança estão no seu mais alto ponto. Brito reconhece também esse período como independência com a profissão, onde o reconhecimento do seu trabalho junto aos professores foi conquistado, também lucidez sobre as questões políticas relativas ao espaço universitário e a marca da alta produtividade. Desafios dentro e fora da sala de aula e altos níveis de energia e compromisso é a reminiscência tanto do relato de Huberman da experimentação e fase de diversificação e o estágio entusiasmado e crescente de Fessler.

A próxima fase traçada por Sikes (40-50/55 anos) é um período em que aqueles professores que passaram com sucesso através das fases anteriores agora muitas vezes ocupam posições como líderes, seja coordenadores, diretores. A maioria dos professores nesta fase, portanto, passa relativamente poucas horas em sala de aula. Em contraste com Huberman e Fessler, que ambos se concentram nas trajetórias de carreira de professores que continuam a trabalhar como professores. Como tal vemos essa distinção também nos estudos de Isaia, Brito e Sá.

Para professores que passaram de 16 a 23 anos dentro da profissão, Day descreve que eventos em suas vidas pessoais, bem como deveres profissionais fora da sala de aula, teve um impacto maior em seu compromisso do que anteriormente. Como consequência Day dividiu

esses professores em três subgrupos: aqueles que continuam a avançar para posições mais altas dentro da hierarquia educacional e, como resultado, mostram aumento da motivação e comprometimento; aqueles que lidam com os desafios de ambos da vida profissional e pessoal e mantêm mais ou menos o mesmo nível de comprometimento; e aqueles que, devido à estagnação da carreira, não encontram mais satisfação em seu trabalho (Day et al., 2006: 108).

No ponto da trajetória, onde os questionamentos se acentuam sobre a continuidade ou não na carreira docente, os autores usam expressões como crise, frustração, distanciamento, vemos que para Sikes, é comum que professores entre 37 e 45 anos experimentem uma crise, especialmente aqueles que sentem que não alcançaram suas ambições profissionais. No entanto, apesar do fato de que muitos professores vivenciam uma crise durante esta fase, Sikes descobre que também é um período em que professores têm uma moral alta no trabalho. Geralmente são referências, atuando como modelos e estabelecendo os padrões de como o trabalho do professor deve ser realizado.

Fessler chama de frustração na carreira. Isso é descrito como um período de desilusão com a profissão de professor muitas vezes localizado no ponto médio da carreira de um professor, mas que pode ser encontrado mais cedo. Durante esta etapa, os professores encontram-se presos em um trabalho que acham insatisfatório, incapaz de ver perspectivas para o desenvolvimento futuro. No entanto, professores podem redescobrir o entusiasmo ou gradualmente retirar-se da profissão (Fessler & Christensen, 1992: 257 apud Rolls; Plauborg, 2009).

A fase de reavaliação de Hubberman também passa por um período o qual a pessoa faz um balanço de sua vida profissional, podendo encarar a hipótese de seguir outras carreiras. Este período compreende aspectos psicológicos e sociais – características da Instituição, o contexto político, econômico, vida familiar, que são igualmente determinantes. A próxima fase identificada por Hubberman é de serenidade e distância afetiva. É um período caracterizado por uma descida do nível de ambição pessoal e um aumento da sensação de confiança e serenidade em situação de sala de aula. Apresentam-se como menos sensíveis e vulneráveis, à avaliação dos outros. Da mesma forma Sá vai chamar esse período de fase de revisão de vida onde estão presentes os sentimentos de realização e perdas - dilemas que são crises longas ou mais curtas. caracterizada por intensa dedicação e crise ou transição.

A questão de os professores deixarem a profissão também é tratada no projeto VITAE. Entre esses professores, apenas um número muito pequeno considerou como provável que eles trabalhariam fora da escola ou mudariam completamente sua carreira (Day et al., 2006: 183)

Em suma, parece haver amplo acordo entre os pesquisadores que professores em seu período de meio de carreira estão no seu auge. No entanto, é também durante este período que um número considerável de professores experimenta a frustração na carreira e até mesmo crises que para alguns levam a importantes considerações sobre seu futuro dentro da profissão.

3.3 Anos finais

De acordo com S. Rollis e H. Plauborg (2009) pesquisas sobre professores que se aproximam da aposentadoria é escassa. Embora a riqueza de experiência e informações oferecidas pelos professores neste último estágios de suas carreiras sejam capazes de fornecer um relato da trajetória de carreira completa.

Fessler descreve uma fase que ele considera estabilidade na carreira que tem pouca semelhança para a fase de estabilização de Huberman. Durante esta fase de estabilidade na carreira, fatores ambientais desempenham um papel importante na determinação em que direção um professor irá. Para alguns é um período quando eles perderam seu entusiasmo para o ensino. Para outros, a estabilidade pode refletir um período de manutenção de um competente e estável compromisso com o ensino. A insatisfação é, no entanto, aparente na fase a que Huberman se refere como conservadorismo e reclamações onde os professores se sentem ofendidos com os desenvolvimentos atuais. No entanto, ele identificou um grande grupo de professores mais velhos que permaneceram abertos, energéticos e otimistas (Huberman, 1993: 246 apud Rollis; Plauborg,2009).

Aqui é importante notar que Sikes, ao contrário dos outros estudos mencionados, destaca o fator envelhecimento do professor e seus impactos. Ao mesmo tempo que se consideram experientes, podem ver professores jovens e inexperientes com certa indiferença, mas também com um toque de inveja. Há também uma percepção de que a lacuna de geração entre eles e seus alunos está se tornando evidente e muito possivelmente oneroso.

Os resultados do projeto VITAE indicam que professores com 24 a 30 de experiência, são impactados negativamente por políticas e iniciativas externas. Novamente Day identifica dois subgrupos: professores que permanecem satisfeitos e comprometidos com a profissão; e professores que continuam a perder sua motivação, muitas vezes resultando em aposentadoria precoce (Day et al.,2006: 111). Durante a fase final, composta por professores com mais de 30 anos de experiência, relações com alunos são os fatores-chave determinando níveis de satisfação no trabalho. Aqui vemos uma consonância com Isaia quando ela classifica a última fase do ciclo como professoralidade docente citando que os professores estão mais voltados para as necessidades dos alunos do que de suas próprias. O amadurecimento profissional e a

consciência de que a docência é um processo construído ao longo da carreira parece ser o elemento distintivo.

A fase final identificada por Huberman é o desligamento. Esta é uma fase em que o professor gradualmente se retira de compromissos profissionais, A última fase de Sikes (50/55 anos de idade – aposentadoria) tem preparação para a aposentadoria como seu desafio mais significativo. Fessler também descreve uma fase que ele denomina carreira wind-down, durante o qual o professor se prepara para deixar a profissão, seja devido à aposentadoria ou uma mudança de carreira, voluntária ou não. Nos estudos de Sá, ela enfatiza o último período como fase de expectativa para aposentadoria, por uma perspectiva mais positiva, sendo a serenidade uma característica comum.

Resumindo, durante os últimos anos de carreira, os professores estão por um lado confiante em suas habilidades como professor e, por outro lado, preparando-se para se desligar da profissão. À medida que se aproximam da aposentadoria, os professores são descritos como tendo níveis de motivação e comprometimento em queda. Isso é muitas vezes acompanhado por uma retrospectiva de suas carreiras, que envolve uma reflexão memorável de realizações ou uma série de arrependimentos amargos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, B.T; TAUCHEN, T. Percepções e compreensões sobre o ciclo de vida profissional e o desinvestimento da carreira docente. *Revista Conhecimento Online | Novo Hamburgo* | a. 10 | v. 2 | jul./dez. 2018.
- ALVES, K.S; LOPES, A. Professores e o envelhecimento: realidades e especificidades no contexto português. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 61-77, 2016.
- ALVES, K.S. Envelhecer na Docência: percepções dos professores de diversos níveis de ensino. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Universidade do Porto, 2016.
- ARGIMON, I.L; STEIN, L.M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(1):64-72, jan-fev, 2005.
- BRITO, T.T. O ciclo de vida profissional dos professores de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia: trajetórias, carreira e trabalho. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
- DAY, C.; SAMMONS, P.; STOBART, G.; KINGTON, A. Variations in Teachers' Work, Lives and Effectiveness. Final report for the VITAE Project. School of Education, University of Nottingham, London Institute of Education, 2006.
- FREITAS, M.C; GIL, C.A. Envelhecimento e Trabalho: Percepções e Vivências de Docentes do Ensino Superior na Maturidade. *Rev. Inter. Educ. Sup. Campinas*, SP v.6 1-29, 2020.
- HUBERMAN, M.; THOMPSON, C.L.; WEILAND, S. Perspectives on the Teaching Career. In Biddle, J.B; Good, T.L; Goodson, I. **International Handbook of Teachers and Teaching** (pp. 11-78) Springer-science+business media, b.v. 1997.

HUBERMAN, M. The Professional Life Cycle of Teachers. Teacher College Record Volume 91, Number 1, p. 31-54, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeções da População 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 10 jun.2021.

INEP -Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. Censo Educação Superior, 2019. Brasília, MEC,2020.

INEP -Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. Estudo exploratório sobre o professor brasileiro, 2007. Brasília, MEC,2009

IPEA - Instituto de pesquisa econômica aplicada. Comunicados do IPEA: Tendências demográficas.N.64, 2010.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar; BOLZAN, D.P.V. Compreendendo os Movimentos Construtivos da docência superior: construções sobre pedagogia universitária. Linhas Críticas, Brasília, v. 14, n. 26, p. 43-59, jan./jun. 2008.

LIMA, I.; MILANI, M.; SILVA, G.; SILVA, I.; SANCHES, M.; NADAF, V. Professores e envelhecimento: um estudo de Representações Sociais. Investigação Qualitativa em Educação, v.2, p 432, 2015.

LYNN, S.K. The Winding Path: Understanding the Career Cycle of Teachers. The Clearing House, 75:4, 179-182, 2002.

MALLOY-DINIZ, FUENTES E COSENZA (orgs.) **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. Porto Alegre: Artmed, 2013

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores** (pp. 31-61) Porto: Editora Porto, 1989.

NERI, A.L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In Malloy-Diniz, Fuentes e Cosenza (orgs.) **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. (pp. 17-42) Porto Alegre: Artmed, 2013.

ROLLS, S.; PLAUBORG; H. Teachers' Career Trajectories: An Examination of Research. In Bayer; M. Birnkjaer,U; Plauborg, H; Rolls,S. **Teachers' Career Trajectories and Work Lives**. (pp. 9-29) Springer Dordrecht Heidelberg London New York, 2009.

RUF- Ranking Universitário Folha, 2019. Disponível em: ruf.folha.uol.com.br/2019/noticias/cresce-numero-de-professores-de-ensino-superior-com-mais-de-50-anos.shtml. Acesso: 14 jun.2021

SÁ, M.S.A.A; ALMEIDA, L.R. Envelhecimento Profissional nas Trajetórias de Professores Engenheiros. Psic. da Ed., São Paulo, 40, pp. 59-76, 2015.

SÁ, M.S.A.A; SOUZA, D.M.R. Envelhecimento ou desenvolvimento profissional? Apontamentos para uma discussão sobre trajetórias docentes. Trabalho & Educação | Belo Horizonte | v.24 | n.2 | p. 267-280 | mai-ago | 2015.

SOUZA, D.M.R. Envelhecimento nas trajetórias dos professores da educação profissional: incidentes críticos, expectativas e projetos no período pré-aposentadoria. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação), Universidade de Taubaté,2016.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas. Relatório sobre a situação da população mundial, 2012

OMS – Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, 2015.

ONU – Nation United. World Population Prospects 2019: Highlights. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/publications/world-population-prospects-2019-highlights.html>. Acesso em 10 mai.2021.